



DISCÍPULOS DE JESUS

Seguimento de Cristo e missão na Igreja nascente

INTRODUÇÃO

A história do cristianismo começa com um chamado. Antes da formação das primeiras comunidades, antes mesmo da constituição do colégio apostólico, homens e mulheres foram convidados por Jesus a deixar suas antigas seguranças para segui-lo e aprender dele. Esses homens e mulheres receberam, nos Evangelhos, o nome de discípulos.

O discipulado ocupa lugar central na revelação do Novo Testamento. Jesus não veio apenas transmitir ensinamentos ou comunicar uma nova doutrina religiosa; veio formar discípulos capazes de viver sua mensagem e prolongar sua missão no mundo. Por essa razão, a comunidade cristã primitiva compreendeu que a identidade do discípulo não se limita ao aprendizado intelectual, mas envolve uma profunda transformação de vida e uma comunhão pessoal com Cristo.

Os Evangelhos mostram que muitos seguiram Jesus durante sua vida pública. Entre eles encontravam-se os Doze Apóstolos, os setenta e dois discípulos enviados em missão (cf. Lc 10,1), numerosas mulheres que acompanhavam o Senhor (cf. Lc 8,1-3) e muitos outros homens e mulheres que acolheram sua Palavra. Após a Ressurreição e Pentecostes, esse discipulado tornou-se o fundamento da vida da Igreja, chamada a continuar a obra evangelizadora iniciada por Cristo.

A reflexão sobre os discípulos permite compreender uma das dimensões mais importantes da vida cristã. Todo apóstolo é discípulo, mas nem todo discípulo é apóstolo. O discipulado, portanto, constitui a vocação comum de todos aqueles que desejam seguir Jesus e participar de sua missão salvadora.

1. O SIGNIFICADO DO DISCIPULADO NO NOVO TESTAMENTO

A palavra “discípulo” traduz o termo grego *mathetes*, que significa aluno, aprendiz ou seguidor. No contexto bíblico, porém, o significado é mais profundo. O discípulo não apenas aprende determinados conteúdos; ele compartilha a vida do seu mestre, assimila seus valores e procura conformar toda a sua existência ao modelo recebido.

Na tradição judaica, os mestres costumavam reunir discípulos ao seu redor para transmitir ensinamentos e interpretar a Lei. Jesus, entretanto, introduziu uma novidade fundamental. Enquanto os discípulos normalmente escolhiam seu mestre, no Evangelho é o próprio Cristo quem toma a iniciativa do chamado: “Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens” (Mt 4,19).

O discipulado cristão nasce, portanto, da iniciativa divina. Antes de ser uma decisão humana, é resposta a um convite feito pelo próprio Senhor. Os primeiros chamados deixaram imediatamente suas redes e seguiram Jesus (cf. Mt 4,20-22). Esse gesto simboliza a radicalidade da vocação cristã. O discípulo é convidado a colocar Cristo no centro de sua existência, reconhecendo nele o verdadeiro sentido da vida.

Ao longo dos Evangelhos, o discipulado aparece como uma realidade dinâmica. Não se trata de uma condição adquirida definitivamente, mas de um caminho de crescimento na fé, de conversão contínua e de amadurecimento espiritual.

2. AS EXIGÊNCIAS DO SEGUIMENTO DE CRISTO

Jesus nunca escondeu as exigências do discipulado. Ao contrário, apresentou com clareza os desafios envolvidos em seguir o Evangelho. Uma das afirmações mais conhecidas encontra-se no Evangelho de

Lucas: “Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome sua cruz cada dia e siga-me” (Lc 9,23).

O seguimento de Cristo exige renúncia. Não se trata de desprezar os bens da criação ou as legítimas responsabilidades humanas, mas de reconhecer que nenhuma realidade pode ocupar o lugar reservado a Deus.

Outra característica fundamental do discipulado é a obediência à Palavra. Jesus ensina: “Bem-aventurados aqueles que ouvem a Palavra de Deus e a observam” (Lc 11,28). O verdadeiro discípulo não apenas escuta o Evangelho; procura colocá-lo em prática em todas as circunstâncias da vida.

Além disso, o discipulado implica perseverança nas dificuldades. Muitos seguidores abandonaram Jesus quando seus ensinamentos se tornaram exigentes (cf. Jo 6,66). Em contraste, os verdadeiros discípulos permaneceram junto dele mesmo nos momentos mais difíceis. Essa fidelidade não nasce das próprias forças humanas, mas da graça de Deus. O discípulo aprende a confiar no Senhor e a permanecer unido a ele, como o ramo permanece unido à videira (cf. Jo 15,1-8).

3. OS DISCÍPULOS DURANTE O MINISTÉRIO PÚBLICO DE JESUS

Os Evangelhos revelam que o grupo dos discípulos era muito mais amplo do que os Doze Apóstolos. Numerosos homens e mulheres acompanhavam Jesus pelas cidades e aldeias da Galileia e da Judeia. Muitos escutavam seus ensinamentos, presenciavam seus milagres e participavam de sua missão.

Dentro desse conjunto mais amplo, os Doze receberam uma missão específica. Contudo, continuaram sendo discípulos entre os demais discípulos. O apostolado é uma vocação particular dentro da realidade mais abrangente do discipulado.

O Evangelho de Lucas fala do envio dos setenta e dois discípulos: “O Senhor designou ainda outros setenta e dois e enviou-os dois a dois à sua frente” (Lc 10,1). Esse episódio possui grande importância teológica. Ele demonstra que a missão evangelizadora não estava

reservada exclusivamente aos Apóstolos. Desde o início, outros discípulos participaram ativamente do anúncio do Reino de Deus.

Também merece destaque a presença das mulheres discípulas. O Evangelho registra que Maria Madalena, Joana, Susana e muitas outras acompanhavam Jesus e colaboravam com sua missão (cf. Lc 8,1-3). Essas mulheres permaneceram fiéis durante a paixão, estiveram junto ao túmulo e tornaram-se as primeiras testemunhas da Ressurreição (cf. Mt 28,1-10; Jo 20,11-18).

Durante o ministério público, o discipulado constituiu uma verdadeira escola de formação espiritual. Os discípulos aprenderam por meio da convivência diária com Cristo, da escuta de suas palavras e da observação de suas atitudes.

4. DISCÍPULOS E APÓSTOLOS NO NOVO TESTAMENTO

Embora os termos “discípulo” e “Apóstolo” estejam relacionados, eles não possuem exatamente o mesmo significado no Novo Testamento. A palavra “discípulo”, do grego *mathētēs*, designa aquele que aprende, segue e procura conformar sua vida à do Mestre. O discipulado constitui, portanto, uma realidade ampla: numerosos homens e mulheres acompanharam Jesus, ouviram seus ensinamentos e participaram de sua missão.

A palavra “Apóstolo”, por sua vez, deriva do grego *apóstolos* e significa “enviado”. O próprio Evangelho estabelece claramente a distinção: “Jesus chamou os discípulos e escolheu doze dentre eles, aos quais deu o nome de Apóstolos” (Lc 6,13). Os Apóstolos foram, primeiramente, discípulos; contudo, dentre o conjunto maior dos seguidores, receberam de Cristo uma escolha e uma missão particulares. Por isso, todo Apóstolo é discípulo, mas nem todo discípulo é Apóstolo.

A constituição dos Doze possuía também um significado simbólico. Assim como o antigo povo de Israel estava organizado a partir das doze tribos, Jesus escolheu doze homens para representar o novo povo de Deus e participar de maneira singular da fundação da Igreja. Eles deveriam permanecer com o Senhor, receber sua formação e ser enviados para anunciar o Evangelho, expulsar os espíritos impuros e continuar sua missão (cf. Mc 3,13-19).

O apostolado, em sentido próprio e fundacional, estava ligado ao chamado pessoal de Cristo, ao conhecimento de sua vida e ao testemunho de sua Ressurreição. Quando se tornou necessário escolher alguém para ocupar o lugar deixado por Judas Iscariotes, Pedro declarou que o escolhido deveria ter acompanhado Jesus desde o batismo de João até a Ascensão e tornar-se, com os demais, “testemunha de sua Ressurreição” (At 1,21-22). São João Crisóstomo, ao comentar essa passagem, destaca que a missão essencial do Apóstolo consistia em testemunhar que aquele que fora crucificado verdadeiramente ressuscitara.

São Paulo constitui um caso particular. Ele não acompanhou Jesus durante seu ministério público, mas recebeu diretamente do Cristo ressuscitado o chamado e o envio para evangelizar os gentios. Por isso, defende sua condição apostólica perguntando: “Não sou Apóstolo? Não vi Jesus, nosso Senhor?” (1Cor 9,1). Também afirma que seu apostolado não procedia dos homens, mas de Jesus Cristo (cf. Gl 1,1). Seu encontro com o Ressuscitado, seu chamado e sua missão fundamentam seu reconhecimento como verdadeiro Apóstolo.

O Novo Testamento emprega ocasionalmente a palavra “apóstolo” em sentido mais amplo para indicar outros missionários ou enviados das comunidades, como Barnabé (cf. At 14,14). Esse uso, entretanto, não os identifica necessariamente com os Doze nem lhes atribui a mesma função fundacional. É necessário, portanto, distinguir o colégio singular dos Apóstolos do emprego geral da palavra para designar aqueles que eram enviados em missão.

A tradição apostólica confirma que ninguém se constitui Apóstolo por iniciativa própria. São Clemente de Roma ensina que Cristo foi enviado pelo Pai e que os Apóstolos, por sua vez, foram enviados por Cristo. O apostolado nasce, assim, de um chamado e de um envio recebidos, e não de uma autoproclamação, de uma posição de liderança ou do reconhecimento pessoal de determinadas capacidades.

A missão fundacional dos Apóstolos é única e irrepetível. Por essa razão, ninguém hoje pode se autoproclamar “Apóstolo” no mesmo sentido dos Doze ou de São Paulo. Os bispos são chamados sucessores dos Apóstolos porque, mediante a sucessão apostólica, continuam sua missão de ensinar, santificar e governar a Igreja; contudo, não são

novos Apóstolos nem novas testemunhas fundacionais da Ressurreição (cf. *Lumen gentium*, 20; CIC 857-860).

Todos os batizados, entretanto, participam do apostolado da Igreja. Isso significa que são enviados a testemunhar Cristo e a colaborar na evangelização. Alguns santos também receberam tradicionalmente o título honorífico de “apóstolo” por sua extraordinária atividade missionária, como São Patrício, chamado Apóstolo da Irlanda, ou Santa Maria Madalena, denominada “Apóstola dos Apóstolos”. Tais expressões reconhecem uma missão evangelizadora excepcional, mas não significam que essas pessoas pertençam ao colégio apostólico fundacional.

Dessa maneira, o Novo Testamento apresenta duas realidades inseparáveis, mas distintas: o discipulado é a vocação comum de todos os seguidores de Cristo; o apostolado, em sentido próprio, é uma missão particular conferida pelo Senhor a testemunhas escolhidas e enviadas para participar da fundação da Igreja. Os discípulos aprendem e seguem; os Apóstolos, permanecendo discípulos, são também enviados com uma autoridade e uma responsabilidade singulares.

5. O DISCIPULADO APÓS A RESSURREIÇÃO

A Ressurreição e Pentecostes marcaram uma nova etapa na vida dos discípulos. Antes da paixão, frequentemente demonstravam dificuldades para compreender plenamente a missão de Jesus. Após receberem o Espírito Santo, tornaram-se testemunhas corajosas do Evangelho.

O livro dos Atos dos Apóstolos descreve esse processo de transformação: “Recebereis a força do Espírito Santo que descera sobre vós, e sereis minhas testemunhas” (At 1,8). A partir de Pentecostes, os discípulos passaram a constituir a Igreja que nascia. Unidos na oração, na fração do pão e na comunhão fraterna (cf. At 2,42), tornaram-se sinal visível da presença de Cristo no mundo.

A expansão do cristianismo nos primeiros séculos deve-se em grande parte à ação desses discípulos missionários. Muitos não pertenciam ao colégio apostólico, mas contribuíram decisivamente para a difusão do Evangelho. Entre eles destacam-se Barnabé, Marcos, Lucas, Timóteo,

Tito, Silas, Priscila, Áquila e numerosas outras figuras mencionadas no Novo Testamento.

A história da Igreja primitiva demonstra que a missão evangelizadora não foi obra exclusiva dos Apóstolos, mas de toda uma comunidade de discípulos animados pelo Espírito Santo.

6. O DISCIPULADO NA IGREJA

Desde os tempos apostólicos, a Igreja compreendeu que o discipulado constitui a vocação fundamental de todo cristão. Pelo Batismo, os fiéis são incorporados a Cristo e chamados a participar de sua missão sacerdotal, profética e régia. O Concílio Vaticano II recorda que todos os batizados são chamados à santidade e ao apostolado.

Essa realidade encontra suas raízes nos próprios Evangelhos. Jesus não limitou seu chamado a um pequeno grupo de privilegiados. Sua palavra continua dirigida a todos: “Quem quiser ser meu discípulo...” (Lc 9,23).

O discipulado cristão permanece inseparável da missão. Quem encontra verdadeiramente Cristo é chamado a testemunhá-lo diante dos outros. Por essa razão, os Papas recentes têm insistido frequentemente na expressão “discípulos missionários”, destacando a união entre seguimento e evangelização.

A Igreja continua a formar discípulos por meio da pregação da Palavra, da celebração dos sacramentos e da vida comunitária. Assim como os primeiros seguidores aprenderam diretamente do Mestre, os cristãos de cada época são convidados a crescer continuamente na amizade com Cristo e no compromisso com seu Reino.

CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

O discipulado constitui uma das realidades fundamentais do Novo Testamento. Antes de serem missionários, líderes ou evangelizadores, os primeiros cristãos foram chamados por Jesus a segui-lo, permanecer com ele e aprender de seu exemplo e de seus ensinamentos.

Esse chamado não se limitou aos Doze Apóstolos. Ao redor de Jesus formou-se uma comunidade ampla, composta por homens e mulheres, pessoas conhecidas e anônimas, famílias, colaboradores e missionários. Alguns acompanharam diretamente o ministério público do Senhor; outros se tornaram discípulos posteriormente, mediante o anúncio apostólico e sua inserção na comunidade cristã.

Os Evangelhos apresentam o discipulado como um caminho de conversão, comunhão e missão. O discípulo acolhe o chamado de Cristo, deposita nele sua confiança, aprende a viver segundo o Evangelho e se torna testemunha da Boa-Nova. A vida cristã, portanto, não se reduz à adesão intelectual a uma doutrina, mas consiste em uma relação viva com Cristo ressuscitado, capaz de transformar toda a existência.

Unidos pela fé, pela participação na comunidade e pelo compromisso de testemunhar o Evangelho, os seguidores de Jesus passaram progressivamente a ser chamados simplesmente de discípulos. O termo tornou-se, assim, uma designação comum dos cristãos: aqueles que acolhem a Palavra, seguem o Senhor e participam de sua missão no mundo.

Por essa razão, a Igreja reconhece no discipulado a vocação comum de todos os batizados. Em cada época, homens e mulheres são convidados a responder ao mesmo chamado que ecoou às margens do Mar da Galileia: “Segue-me” (Mt 9,9). Nessa resposta encontram-se a origem da santidade, o impulso da missão e o fundamento da própria vida da Igreja.

Prof. Dr. Pe. Marcelo Cervi

APÊNDICE

DISCÍPULOS DE JESUS MENCIONADOS NO NOVO TESTAMENTO

O grupo dos discípulos de Jesus era muito mais amplo do que o colégio dos Doze Apóstolos. Os Evangelhos apresentam numerosos homens e

mulheres que acompanharam o Senhor, ouviram seus ensinamentos, acolheram sua Palavra e colaboraram com sua missão.

Depois da Ressurreição e de Pentecostes, o livro dos Atos dos Apóstolos passou a empregar o termo “discípulos” para designar os cristãos em geral. Alguns haviam conhecido pessoalmente Jesus; outros se tornaram seus discípulos mediante a pregação apostólica, o Batismo e a participação na vida da Igreja.

A lista seguinte não pretende ser absolutamente completa, pois muitos discípulos permaneceram anônimos. Ela reúne os principais personagens nomeados no Novo Testamento, excluindo os Doze Apóstolos, já apresentados anteriormente.

1. DISCÍPULOS E SEGUIDORES DURANTE O MINISTÉRIO DE JESUS

A mulher samaritana. Depois de encontrar Jesus junto ao poço de Jacó, retornou à cidade e anunciou o que havia experimentado. Seu testemunho levou muitos samaritanos ao encontro com Cristo (cf. Jo 4,5-42). Observação: o Evangelho não menciona seu nome, mas apresenta sua atuação como um verdadeiro testemunho missionário.

Cleofas. Foi um dos dois discípulos que encontraram Jesus ressuscitado no caminho de Emaús. Reconheceu o Senhor durante a explicação das Escrituras e no gesto de partir o pão (cf. Lc 24,13-35).

Joana. Esposa de Cuza, administrador de Herodes, acompanhava Jesus e auxiliava a missão com seus bens. Foi também uma das mulheres que anunciaram aos Apóstolos a descoberta do túmulo vazio (cf. Lc 8,3; 24,10).

José de Arimateia. Membro respeitado do conselho judaico, é expressamente chamado discípulo de Jesus. Pediu a Pilatos o corpo do Senhor e colocou-o em um túmulo novo (cf. Mt 27,57-60; Mc 15,43-46; Lc 23,50-53; Jo 19,38-42).

Lázaro de Betânia. Irmão de Marta e Maria, era amado por Jesus. Depois de sua morte, foi chamado para fora do túmulo, tornando-se sinal do poder de Cristo sobre a morte (cf. Jo 11,1-44; 12,1-11).

Maria de Betânia. Sentou-se aos pés de Jesus para ouvir sua Palavra e ungiu seus pés antes da Paixão. Sua atitude representa a escuta atenta

e a entrega amorosa do discípulo (cf. Lc 10,39-42; Jo 11,1-2.28-32; 12,1-8).

Maria de Cléofas. Permaneceu junto à cruz de Jesus, ao lado de sua Mãe e de Maria Madalena (cf. Jo 19,25).

Maria Madalena. Libertada por Jesus, acompanhou-o durante seu ministério e colaborou com a missão. Permaneceu junto à cruz, foi ao túmulo e tornou-se a primeira testemunha do Ressuscitado (cf. Lc 8,2-3; Mt 27,55-56; 28,1-10; Mc 15,40-41; 16,1-11; Jo 19,25; 20,1-18).

Maria, mãe de Tiago e José. Acompanhou Jesus desde a Galileia, esteve presente durante a crucificação e observou o local de seu sepultamento. Também foi ao túmulo na manhã da Ressurreição (cf. Mt 27,55-56.61; 28,1; Mc 15,40.47; 16,1; Lc 24,10).

Marta de Betânia. Acolheu Jesus em sua casa e manifestou uma profunda profissão de fé: reconheceu-o como o Cristo e o Filho de Deus que devia vir ao mundo (cf. Lc 10,38-42; Jo 11,5.19-27; 12,2).

Natanael. Foi conduzido a Jesus por Filipe. Depois de uma dúvida inicial, reconheceu-o como Filho de Deus e Rei de Israel. Também aparece entre os discípulos reunidos junto ao mar da Galileia após a Ressurreição (cf. Jo 1,45-51; 21,2). Observação: a tradição costuma identificá-lo com o apóstolo Bartolomeu, mas essa identificação não é afirmada expressamente pelo Novo Testamento.

Nicodemos. Fariseu e membro do conselho judaico, procurou Jesus durante a noite para dialogar sobre o novo nascimento. Posteriormente, defendeu um julgamento justo e colaborou no sepultamento do Senhor (cf. Jo 3,1-21; 7,50-52; 19,39-42). Observação: Nicodemos não é chamado expressamente de discípulo, mas seu percurso revela uma aproximação progressiva e corajosa de Jesus.

O companheiro de Cleofas. O segundo discípulo de Emaús não é identificado pelo nome. Também caminhou com o Ressuscitado, ouviu a explicação das Escrituras e retornou a Jerusalém para anunciar o encontro (cf. Lc 24,13-35).

Salomé. Seguiu e serviu Jesus na Galileia. Esteve presente durante a crucificação e foi ao túmulo levando perfumes para ungir o corpo do Senhor (cf. Mc 15,40-41; 16,1).

Susana. Acompanhava Jesus durante seu ministério e colaborava materialmente com a missão, juntamente com outras mulheres (cf. Lc 8,3).

Zaqueu. Chefe dos cobradores de impostos em Jericó, acolheu Jesus em sua casa. O encontro com o Senhor provocou sua conversão, levando-o à partilha dos bens e à reparação das injustiças (cf. Lc 19,1-10). Observação: embora não seja chamado expressamente de discípulo, sua resposta manifesta as características próprias do seguimento de Cristo.

2. GRUPOS DE DISCÍPULOS NÃO IDENTIFICADOS PELO NOME

Os setenta e dois discípulos. Jesus designou outros setenta e dois discípulos e enviou-os dois a dois. Eles deveriam anunciar a proximidade do Reino, curar os enfermos e preparar a chegada do Senhor às cidades (cf. Lc 10,1-20).

A multidão dos discípulos. Os Evangelhos mencionam um grupo numeroso de discípulos que acompanhava Jesus, escutava seus ensinamentos e presenciava seus sinais (cf. Lc 6,17; 19,37; Jo 6,60-66).

Os discípulos que abandonaram Jesus. Depois do discurso sobre o Pão da Vida, muitos discípulos consideraram suas palavras difíceis e deixaram de acompanhá-lo (cf. Jo 6,60-66). Esse episódio mostra que o discipulado exigia uma decisão livre e perseverante, não apenas uma admiração passageira.

Os irmãos reunidos em Jerusalém. Após a Ascensão, aproximadamente cento e vinte pessoas encontravam-se reunidas com os Apóstolos, as mulheres e Maria, Mãe de Jesus (cf. At 1,12-15).

3. MATIAS, PAULO E OUTROS PERSONAGENS LIGADOS AO APOSTOLADO

Matias. Acompanhou Jesus desde o batismo de João até a Ascensão. Foi escolhido para ocupar o lugar deixado por Judas Iscariotes e tornar-se testemunha da Ressurreição (cf. At 1,15-26).

José, chamado Barsabás ou Justo. Foi apresentado juntamente com Matias como candidato para ocupar o lugar de Judas. Também havia acompanhado Jesus desde o início de seu ministério (cf. At 1,21-23).

São Paulo. Não acompanhou o ministério público de Jesus, mas encontrou o Cristo ressuscitado e recebeu diretamente dele o chamado e a missão de anunciar o Evangelho aos gentios (cf. At 9,1-19; 22,6-21; 26,12-18; 1Cor 9,1; 15,8-10; Gl 1,11-17).

4. DISCÍPULOS NOMEADOS NO LIVRO DOS ATOS

Ananias de Damasco. É expressamente chamado discípulo. Foi enviado pelo Senhor para acolher Saulo, impor-lhe as mãos e comunicar-lhe a missão que recebera (cf. At 9,10-19; 22,12-16).

Estêvão. Foi escolhido para colaborar no serviço da comunidade. Cheio de fé e do Espírito Santo, anunciou corajosamente o Evangelho e tornou-se o primeiro mártir cristão (cf. At 6,1-8; 7,1-60).

Filipe, o evangelista. Foi escolhido para o serviço da comunidade de Jerusalém. Anunciou Cristo na Samaria e evangelizou o funcionário da rainha da Etiópia (cf. At 6,5; 8,4-40; 21,8-9). Observação: não deve ser confundido com Filipe, um dos Doze Apóstolos.

Menason de Chipre. É apresentado como antigo discípulo. Hospedou Paulo e seus companheiros durante a viagem para Jerusalém (cf. At 21,16).

Nicanor. Pertenceu ao grupo dos sete homens escolhidos para o serviço da comunidade (cf. At 6,1-6).

Nicolau de Antioquia. Prosélito originário de Antioquia, foi escolhido com os outros seis para o serviço da comunidade (cf. At 6,1-6).

Pármenas. Fez parte do grupo escolhido para servir às necessidades concretas da Igreja de Jerusalém (cf. At 6,1-6).

Prócoro. Foi escolhido pela comunidade de Jerusalém para colaborar no serviço aos necessitados (cf. At 6,1-6).

Tabita ou Dorcas. É expressamente chamada discípula. Vivia em Jope e era conhecida pelas boas obras e pela assistência prestada aos pobres e às viúvas (cf. At 9,36-42).

Timon. Foi escolhido juntamente com Estêvão e os demais para colaborar na assistência comunitária (cf. At 6,1-6).

Timóteo. É chamado discípulo quando Paulo o encontrou em Listra. Tornou-se um de seus principais colaboradores na evangelização e na formação das comunidades (cf. At 16,1-3; 1Cor 4,17; Fl 2,19-23; 1Ts 3,2; 2Tm 1,2-5).

5. DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS E COLABORADORES DOS APÓSTOLOS

Apolo. Judeu originário de Alexandria, conhecedor das Escrituras e pregador eloquente. Depois de receber instrução de Priscila e Áquila, colaborou intensamente na evangelização (cf. At 18,24-28; 19,1; 1Cor 3,5-6.22; 4,6).

Barnabé. Membro generoso da comunidade de Jerusalém, acolheu Paulo quando muitos ainda desconfiavam dele. Foi enviado em missão e desempenhou papel decisivo na evangelização dos gentios (cf. At 4,36-37; 9,26-27; 11,22-26; 13,1-3; 14,14; 15,36-39).

Febe. Servidora da Igreja de Cencreia, é recomendada por Paulo à comunidade de Roma. Colaborou generosamente com muitos cristãos e com o próprio Apóstolo (cf. Rm 16,1-2).

João Marcos. Pertencia à comunidade de Jerusalém e colaborou com Barnabé, Paulo e Pedro. Sua casa familiar servia como lugar de reunião para os cristãos (cf. At 12,12.25; 13,5.13; 15,37-39; Cl 4,10; 2Tm 4,11; 1Pd 5,13).

Lídia. Comerciante de Tiatira, acolheu a pregação de Paulo, recebeu o Batismo com sua família e colocou sua casa a serviço da comunidade cristã (cf. At 16,14-15.40).

Lucas. Médico e colaborador de Paulo, é tradicionalmente reconhecido como autor do terceiro Evangelho e dos Atos dos Apóstolos (cf. Cl 4,14; Fm 24; 2Tm 4,11).

Priscila e Áquila. Casal missionário que trabalhou com Paulo, acolheu a comunidade cristã em sua casa e instruiu Apolo mais profundamente no caminho do Senhor (cf. At 18,1-3.18-19.24-26; Rm 16,3-5; 1Cor 16,19; 2Tm 4,19).

Silas ou Silvano. Dirigente e profeta da Igreja de Jerusalém, foi escolhido para acompanhar Paulo em sua segunda viagem missionária (cf. At 15,22.27.32.40; 16,19-40; 17,1-15; 18,5; 1Ts 1,1; 1Pd 5,12).

Tito. Cristão de origem gentílica e colaborador de Paulo, participou da organização e do cuidado pastoral das comunidades (cf. Gl 2,1-3; 2Cor 7,6-7.13-15; 8,6.16-23; Tt 1,4-5).